

José Ángel Leyva

Catulo no desterro

Fragmentos

Tradução de Antonio Miranda

Algo busco neste montão de eternidades
alguma brisa imortal no meu cérebro
o fio de uns lábios que cortem
a soga de meu pescoço
minha asfixia
minha peçonha

TALVEZ persiga o inefável
com luxo de detalhes
como onda exclusiva em perpétuo movimento
ou a imagem que perdeu a semelhança
no degelo de seus gestos

Busco uma tarde que nunca dê as sete
para arrancar racimos de riso
de meninas
e no meio de todo esse alvoroço
dependurar minha loucura
que dê sombra a minha cabeça
enquanto mordo um chamariz de nuvens
com olhos gulosos de aventuras

Busco no plano de minhas mãos
estrelas rutilantes
linhas novas
nervuras de luz
ramos alertas ao latejo

que começa a desgastar a força
um remanso onde possa agitar o tempo
e sacudir os segundos
que bicam minha pele e a envelhecem
Busco pontes sem dor
para cruzar o leito de um espelho
e ver desde outra dimensão o que termina

Busco
nas proximidades genitais do destino
onde brotam as lembranças
de um idioma aderido aos objetos
Viajo a um ponto onde o relâmpago
e o trovão se distanciam
onde uma promessa nos fez nascer
sem esperança
Vou até uma fantástica caverna
Para observar os presságios dos sonhos
para espreitar a astronomia da alma
Vou ao inaudito
Com o coração fígado pela dúvida

Antes do parto vegetal
despidos
o dia e a noite
copulavam sobre uma espiral inexistente
Nascia um com o outro
o outro nascia sobre um
sem aritmética

Até então na lembrança
não havia medida
o branco ainda comungava com o negro
não era bom ou mal
quando não havia a infâmia

A vida era uma célula
um ir e vir sem estações
um ponto circulante

Alguém descobriu a imagem de Deus
Quando viu a si mesmo
Refletido no tanque da noite
Vinha um olho para cada estrela
um brilho glacial na pupilas
com filamentos de surpresa
Cochichava com ternura
entre as formas do vento
Era um arranjo cósmico
em sua aparente solidão de criança
Era um trejeito de saudade
que apagou a Lua
galáxia de galáxias imortais
contida na fundura de sua boca
Alguém descobriu a imagem de si mesmo
quando viu o reflexo de Deus
em sua palavra

Antes de crucificar a piedade
a respiração do silêncio
adoçava a morte

Bebiam os homens
nas margens de seus corpos
os signos transparentes da chuva

Pintavam suas manhãs com o resplendor
Divino do relâmpago
Ouviam sons de esferas cristalinas
bulício de premonições
oceanos que salpicavam
o olho oracular da ignorância
Os poetas faziam malabarismos com os astros
Eram como saltimbancos nos relógios de areia
clepsidras cantando a novidade
das horas

Caíam como gotas de saliva desse deus atônito
ao anunciar uma mova palavra

Abria-se a ferida na pele
muda do mistério

por onde saltavam como lebres
os gestos das coisas

e os vocábulos do espírito
Semente e fruto do ensimesmamento
Essência e proporção do nome com sua origem
Letra e número do ser
Ser verdadeiro do número e da letra

A poesia era pólen
signos-chaves
alento objetivo
entre o real e o imaginário
Os sons umedeciam suas raízes
nas cavidades do átomo
para contar segredos sem língua
para cruzar portas fechadas

A intimidade do verbo brotava sem pudor
como vaga-lumes
na garganta oriental
das sombras geladas
Amanhecer evocava o fruto natural da noite
porvir do sonho
abrir e fechar de olhos
A voz pendurada do odor
sabia a cores
juntava os extremos numa pálpebra
cronometrava o peito
tomava o medo por seus dedos de ancião
levando-o a dormir
entre seus músculos serenos
ao leito emocionado do sangue

Mas o desejo regurgitou nas sombras
a verdade duvidava de si mesma
soprou a incerteza

desmoronou a calma
Partiram pêras a explorar sua imagem
nos limites de um parto
acharam sua sentença funesta
Os sinais do vento
forquilhas do ar
escondiam seus olhos transparentes
aos aquosos silêncios
que nasciam morrendo

Não sabiam os nomes do esquecimento
os quando os por quês os onde
Quebrou-se
o galho
da linguagem!

Uma palavra no começo faltava ao dicionário

Enfastiados de serem meninos
os velhos saltimbancos
tornaram-se enigmas
Tiraram sorrisos do público invidente
os aplausos sem mãos
o cenário sem público
as luzes de um espetáculo
onde tampouco eles existem

A revolta esfolou inocências
Um rosto ingênuo caía
em pedaços
Que máscara podia restar?
que rito que sorriso idiota
que casca imortal
para não olhar seu crânio?
Onde estaria Deus?
Por que nome respondia?
Ontem deixou o mundo
para construir seu próprio mundo